

Sobre a Pesquisa

Na Itália fascista, milhares de mulheres foram internadas em hospícios por não corresponderem aos padrões do regime. A partir de documentos inéditos do asilo de Sant’ Antonio Abate de Teramo, a historiadora Annacarla Valeriano divulgou essas histórias e retirou milhares de vidas da invisibilidade.

O seu livro Malacarne, publicado em 2017, foi o ponto de partida do trabalho de Luísa Pinto, investigadora do Centro de Estudos Arnaldo Araújo (CEAA) e diretora artística da companhia de Teatro Narrativação-AC.

Na busca dessa história quase apagada dos livros – e com apoio do Centro de Estudos Arnaldo Araújo/ESAP e da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) –, a investigadora viajou até ao Brasil. E descobriu o tanto que estava por contar. No Colónia, o maior hospício do país, morreram 60 mil pessoas entre 1930 e 1980. Muitas eram mulheres. O “crime” era o mesmo: desafiar as normas.

A urgência de dar visibilidade a este tema despertou em Luísa Pinto a vontade de o levar a palco. E motivou o convite para a escrita de um texto dramaturgico à jornalista Mariana Correia Pinto. *Anónimo Não é Nome de Mulher* é o resultado desse trabalho posterior, que parte das realidades de Itália e do Brasil – repetida noutras geografias de regimes opressores – para falar sobre o esquecimento a que as mulheres foram sujeitas durante séculos. Não só nesse pretérito, mas também na atualidade, porque para as mulheres, ontem e hoje, “a vida não tem atalhos”.

Uma peça sobre o que é ser mulher. Sobre relações, maternidade, violência, direitos conquistados, perdidos e por conquistar. Sobre democracia, igualdade e liberdade. Para desinquietar: estará isto a acontecer diante dos nossos olhos?

casa _____
_____ das artes
famalicão _____

teatro



Sinopse

Regimes opressores forçaram o internamento de mulheres em hospícios.

Dadas como loucas por desafiarem as normas, eram presas, torturadas, esquecidas. Milhares morreram. Partindo dessas vidas reais, *Anónimo Não É Nome de Mulher* resgata histórias silenciadas e confronta-nos com resquícios de um tempo não muito longínquo. No Hospício de Santa Teresa, duas mulheres internadas debatem-se com as suas dores, dúvidas e sonhos em cacos. Uma trabalhadora testemunha o impensável e questiona o seu papel. Uma mãe espera. Uma médica reduz pacientes a números. Uma autarca zela pela “máquina” oleada do regime. Naquele lugar desumanizado, surge, no entanto, esperança: poderá a bondade vencer a opressão? Enquanto estas vidas se enovelam, outra mulher narra a sua história. Amor e violência, loucura e verdade, fama e solidão, violência e feminismo.

A História aqui tão perto, perigosamente perto. Por dentro de nós.

Ficha Artística

Texto: Mariana Correia Pinto

Encenação: António Durães

Assistência de Encenação: Joaquim Gama

Interpretação: Luísa Pinto e Maria Quintelas

Composição e Interpretação Musical: Cristina Bacelar

Espaço Cénico: António Durães

Figurinos: Composição Coletiva

Desenho de Luz: Francisco Alves

Fotografia de Cena: Paulo Pimenta

Produção Executiva: Cláudia Pinto

Coprodução: Narrativensaio-AC e Casa das Artes de Famalicão

Apoios:

Centro de Estudos Arnaldo Araújo

ESAP

FCT

MIRA FORUM

SP Escola de Teatro (Brasil)

Agradecimentos:

Comandante António Leitão da Silva, Polícia Municipal do Porto

Santa Casa da Misericórdia do Porto